VISÃO DO CORREIO

Nunca é só a economia

A vitória estrondosa do Partido Democrata nas eleições legislativas de terça-feira, nos Estados Unidos, está sendo vista, principalmente, como uma derrota do Partido Republicano e do presidente Donald Trump. Dois anos depois de ter assumido o segundo mandato na Casa Branca, o magnata que fez fortuna com prédios, hotéis e cassinos recebeu das urnas a mensagem de que a política de Estado, a governança de um país — tanto mais a maior economia (ainda) do mundo —, não é uma partida do jogo de tabuleiro que, por aqui, ganhou o nome de Banco Imobiliário.

O noticiário, em parte pautado pelas pesquisas, aponta com margem quase nula de erro que a derrota de Trump se alicerçou na economia. Nos dois primeiros anos de seu segundo mandato, o presidente dos EUA abusou da confiança nas próprias palavras-de-ordem e diatribes para pautar a discussão política interna. A voz das urnas é nítida: falhou.

O mapa dos resultados da eleição para o Congresso oferece algumas indicações cristalinas, para aqueles dispostos a olhar. Antes de tudo, a migração, para a oposição democrata, do voto de amplas parcelas da classe trabalhadora, que o jargão político estadunidense cataloga como *blue collor*: o "colarinho azul". Em português claro, o macacão usado no chão de fábrica.

A cobertura a sangue-quente das eleições, porém, corre o risco de colocar para escanteio outras camadas de insatisfação da sociedade estadunidense. Elas se refletem, por exemplo, no sucesso de candidatas e candidatos que desafiaram o padrão machista, etnocrático e racial: vimos eleitas uma governadora negra e uma senadora indígena, ambas pioneiras. Entre outras "primeiras vezes", um senador muçulmano e um governador publicamente assumido como gay.

Já quando conquistou a Casa Branca pela primeira vez, em 2016, Trump acenava justamente a uma camada da sociedade castigada pela desindustrialização. Nos estados de vocação industrial, no Nordeste e Meio-Oeste, uma geração crescida sobre os alicerces da economia em transição amargava a ausência de perspectivas. Muito naturalmente, abraçou como seu o discurso de Trump contra a "invasão" chinesa, a imigração e a necessidade de combatê-las, sob o lema de "Tornar a América novamente grande".

Arroubos nacionalistas podem, por vezes, ganhar votos. Foi assim nas duas vitórias eleitorais de Trump, em 2016 e 2024. Mas, como as mentiras, têm pernas curtas. E, nesse ponto, entra em pauta um fator que, até aqui, parecia subestimado nas apreciações sobre a "onda azul" — a cor do Partido Democrata — que varreu os EUA nesta terça-feira já classificada como "histórica".

O presidente se desmoralizou não apenas pelo uso dos imigrantes como uma espécie de "Judas para Sábado de Aleluia": vendeu a ilusão de que persegui-los renderia empregos para os *blue collors*. E não cumpriu a promessa.

O país que saiu das urnas é mais diverso e se afirma como tal. Falou contra a má gestão da economia por um presidente que confunde o país com as empresas à frente das quais fez fortuna. Falou contra uma agenda que ignora a interdependência e o impacto doméstico inevitável das ações externas.

Sobretudo, falou sobre algo de que, há tempos, a sociedade estadunidense preferia não falar: os parâmetros da democracia. Trump abusou — e abusa — do que enxerga como poderes incontestáveis, como os de que dispõe nas próprias empresas.

O país respondeu que não.



CIDA BARBOSA
cidabarbosa.df@dabr.com.br

Mais que uma obrigação

Leio neste **Correio** uma reportagem que traz uma boa e uma má notícia sobre a vacinação contra a gripe no Distrito Federal. Desde terça-feira, está liberada a imunização para a população em geral — essa é a boa, claro. Mas vem a má: não alcançamos a meta de vacinar 90% dos grupos prioritários, como crianças de 6 meses a 5 anos, gestantes, puérperas, idosos, povos indígenas, trabalhadores da saúde e pessoas com comorbidades. A imunização nesses públicos ficou em somente 57,3%. Uma temeridade.

A vacinação contra a gripe ocorre todo ano porque, conforme explica o Ministério da Saúde, os vírus sofrem mutações constantes e há vários tipos de influenza pelo mundo. A vigilância global feita pela Organização Mundial da Saúde (OMS), para detectar que tipo de vírus está em circulação, define a composição da vacina a cada ano.

O imunizante reduz casos graves, hospitalizações e mortes. É de fundamental importância, portanto, atender à convocação das autoridades de saúde para se vacinar. A situação que me deixa mais preocupada é a das crianças, que dependem de adultos para receber a proteção. De acordo com o Butantan, meninas e meninos com menos de 5 anos, por exemplo, ficam sujeitos a complicações como pneumonia, otite, sinusite e falta de ar, caso contraiam influenza sem estarem imunizados.

Receber a blindagem que vacinas oferecem é um direito de meninos e meninas. Está bem claro no Artigo 14, parágrafo 1º, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): "É obrigatória a vacinação das crianças nos casos recomendados pelas autoridades sanitárias". E o artigo 227 da Constituição determina que elas têm, entre outros, direito à saúde "com absoluta prioridade".

Garantir esse direito é dever do Estado, da sociedade e da família. O Estado tem feito a parte dele: oferece vacina segura, eficaz e gratuita. Cabe a cada um de nós assumirmos, também, a responsabilidade. Se há crianças e adolescentes em casa ainda não imunizados, leve-os para receber a proteção. Aproveite para também se vacinar e verificar se há doses em atraso de outros tipos de imunizantes. Mais do que obrigação, é um ato de amor impedir que doenças coloquem crianças e adolescentes em risco.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» **E-mail:** *sredat.df@dabr.com.br.* O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Eleições nos EUA 1

Com a mania de xerifão do mundo, se intrometendo nas gestões de outros países, dando ordens e opiniões descabidas e hilárias, Donald Trump começa a ver que faz tempo que vai queimando o próprio filme junto aos americanos, pelos quais ele jura amor e devoção. Com as derrotas na Câmara dos Deputados e no Senado, Trump sabe que precisa rapidamente mudar de táticas. Tem horas que o homem mais poderoso do mundo amesquinha o cargo. Donald Trump exagera na dose. Com tudo e com todos. Insiste na pose e no ar vitorioso. Garantiu que acabaria com a guerra entre Rússia e Ucrânia. Os conflitos pioram e se agravam. Trump avacalha o regime do Irã. Promete jogar bomba no país se seus líderes não se renderem diante de suas ordens. Autointitulou-se merecedor do Nobel da Paz. Por algum tempo, parecia que os ventos estavam favoráveis a ele. Liderava a disputa com facilidade. Na quadra atual, Donald Trump foi expulso da disputa. Sem data tão cedo para merecer voltar a sonhar com o almejado troféu.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Eleições nos EUA 2

O ex-presidente norte-americano Donald Trump buscou assumir o protagonismo do debate político ao declarar que a presença de seu nome nas cédulas garantiria uma "vitória esmagadora" aos republicanos. Embora sem disputar diretamente o pleito e diferentemente da retórica de contestação de 2020, sua postura sinaliza uma tentativa constante de centralizar os holofotes. O resultado das urnas, contudo, sugere que o eleitorado rejeita a instabilidade e os excessos desse modelo de governança. Em contrapartida, a aprovação de Lula nas urnas, aliada à sua trajetória política, reafirma a estatura do Brasil na diplomacia global. Resta saber se, diante desse cenário e da consolidação das instituições democráticas, figuras como Flávio e Eduardo Bolsonaro deixariam os EUA por receio de eventuais processos de deportação.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Santos (SP)

Proibição das bets

Posição vergonhosa e absurda dos times brasileiros que estão contra a proibição das bets. Estão nadando em cifras milionárias ao custo nefasto da destruição de vidas e de famílias pelo endividamento provenientes dos jogos de azar. É um absurdo! Esse tipo de futebol deve, sim, desaparecer

» **Fred Adejar**
Goiânia (GO)

PEC da Segurança

A PEC da Segurança Pública foi aprovada no Senado sem a redução da maioridade penal. É bom lembrar que 64 milhões de brasileiros votaram no candidato do Partido dos Trabalhadores para a Presidência da República que, pelo que parece, é contra essa mudança. Na hora que adolescentes de 15, 16 ou 17 anos cometerem alguns crimes, não adianta chorar nas redes sociais

» **Luiz Oliveira**
Formosa (GO)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Redução da maioridade penal: melhorar a educação e a distribuição de renda ninguém quer!

Zenaide Santos — Brasília

Primeiro, tem que pagar a pena integral. Depois, se discute a educação e a cultura para esses indivíduos.

Marcos Rodrigues — Brasília

Supermercados da Europa são alvo de ciberataques: isso é resultado da tecnologia, já dando trabalho para os humanos

Deise Maciel — Brasília

Se alguém gritar perto do Flávio Bolsonaro: olha o ICE, ele desmaia.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

» correiobraziliense.com.br

ARTIGO

Em *IA: saúde mental no trabalho?*, Carlos Assis, psicólogo clínico e editor do Anuário Saúde Mental nas Empresas, alerta que, em vez de se preocupar com a melhor forma de uso da inteligência artificial, as empresas devem estar atentas ao risco de a tecnologia atrofiar capacidades humanas essenciais. Confira no site do **Correio.**

BLOCO DE NOTAS

A jornalista Ana Raquel Lelles comenta os resultados das eleições de meio de mandato dos Estados Unidos, incluindo as reações de políticos no Brasil e os desdobramentos internos. Entre eles, há vitórias históricas, como a escolha da primeira mulher negra para o governo de um estado: a democrata Keisha Lance Bottoms Comandará a Geórgia. Confira no site do **Correio.**

Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*